



**BB ASSET
MANAGEMENT**

**Busque mais para
os seus investimentos**

BBGO11



Relatório Gerencial
BB Fundo de Investimento de Crédito FIAGRO Imobiliário

Maio – 2026

INFORMAÇÕES GERAIS

O BB FIAGRO é um fundo de investimento que investe em ativos como CRA, LCA, CRI e Debêntures, desde que todos estejam vinculados ao Agronegócio. Os rendimentos do fundo são isentos de imposto de renda.

O fundo tem como objetivo superar o CDI através do investimento em uma carteira de crédito privado de alta qualidade, contando com a expertise do Banco do Brasil no setor de agronegócios. A isenção de imposto de renda torna o produto ainda mais atraente em uma indústria que representa cerca de um terço de todas as exportações do Brasil.

Ticker	Patrimônio Líquido	Nº de Cotistas	Quantidade de Cotas
BBGO11	R\$379.748.380,06	11.764	4.005.164
CNPJ	Data de Início	Taxa de Administração	Taxa de Performance
42.592.257/0001-20	17/dez/21	0,85% a.a.	10% sobre excesso CDI+1% a.a.
Administrador e Gestor	Consultor	Custodiante	Auditor
BB Asset Management	Banco do Brasil SA	Banco do Brasil	KPMG

Resultados – Maio/2026

Distribuição por cota	Dividend Yield	Nº de Negócios	Volume Negociado
R\$0,85	1,19%	17.433	R\$13.471.634,72
Receitas		Despesas	
R\$6.075.910,55		-R\$ 492.982,19	

* % a Distribuir = Resultado a Distribuir deduzido do Caixa

Comentário do Gestor

Mercado

O agronegócio brasileiro apresentou, em maio de 2026, um desempenho marcado por fundamentos produtivos ainda robustos, porém com sinais claros de inflexão no ciclo de crescimento. A safra 2025/26 seguiu confirmando volumes elevados, com destaque para a soja, que atingiu novo recorde próximo de 180 milhões de toneladas, enquanto a produção total de grãos foi estimada em cerca de 358 milhões de toneladas. Ao mesmo tempo, o período consolidou a colheita da principal safra e o avanço da safrinha, ainda sob alguma incerteza climática. Esse contexto produtivo sustentou o dinamismo das cadeias agroindustriais e das exportações, especialmente em commodities como soja e proteínas, reforçando o papel do setor como principal vetor externo da economia e base relevante de geração de caixa para a cadeia de crédito.

Por outro lado, maio também refletiu um ambiente mais desafiador em termos de rentabilidade e expectativas. A entrada da safra no mercado, combinada à oferta global elevada e à valorização cambial, pressionou os preços de diversas commodities, como soja, milho, açúcar e etanol, limitando a recomposição de margens. Adicionalmente, os custos de produção seguiram elevados — especialmente fertilizantes, defensivos, fretes e custo de capital — enquanto fatores climáticos e geopolíticos, como o risco de El Niño e tensões no Oriente Médio, adicionaram volatilidade às projeções. Apesar desses desafios, o setor segue sustentado por ganhos de produtividade, demanda global resiliente e pela crescente relevância dos biocombustíveis, o que mantém uma perspectiva construtiva para o agronegócio brasileiro no médio prazo, ainda que com maior seletividade e gestão de riscos no curto prazo.

Rendimentos

No atual contexto de um mercado de crédito mais desafiador e seletivo, o BB FIAGRO mantém uma postura prudente na gestão da carteira, acompanhando de forma próxima alguns emissores específicos, especialmente diante de possíveis desenquadramentos de covenants. Com foco na preservação da qualidade do portfólio e na previsibilidade dos fluxos de caixa, optamos por manter a distribuição de rendimentos em R\$ 0,85 por cota. Em maio de 2026, a cota patrimonial apresentou rentabilidade de 1,53%, enquanto o dividend yield atingiu 1,19% no mês, equivalente a 110,76% do CDI sobre o valor de mercado, mantendo um nível atrativo de retorno, com isenção de Imposto de Renda para pessoa física.

Seguimos confiantes na solidez do Fundo, que conta com uma carteira diversificada e majoritariamente composta por emissores de alta qualidade de crédito, o que contribui para diluir riscos pontuais. Embora o cenário atual ainda exija atenção e acompanhamento próximo de determinados ativos, entendemos que a atuação ativa da

gestão e a qualidade do portfólio posicionam o Fundo de forma adequado. Além disso, a perspectiva de melhora gradual das condições de crédito, aliada a um ambiente de juros potencialmente mais favorável ao longo do tempo, cria um cenário construtivo para retomada de valor e geração consistente de resultados para os cotistas no médio prazo.

Carteira

A carteira de CRAs permanece bem diversificada: 44,98% do patrimônio líquido está alocado em emissões indexadas ao CDI, que apresentam yield médio de CDI + 3,6% a.a. e duration de 622 dias úteis. A exposição indexada ao IPCA, que corresponde a 16,43% do portfólio, possui yield médio de IPCA + 10,4% a.a. e duration de 442 dias úteis. Já a parcela prefixada, representando 3,31% do PL, entrega yield de 15,1% a.a. e conta com duration média de 1.103 dias úteis. Além disso, o fundo mantém 2,17% do patrimônio líquido investido em FIDCs FIAGRO, os quais apresentam yield de CDI + 2,9% a.a.

Encerramos o mês com uma liquidez de 33,16% do PL, o que nos dá flexibilidade para buscar novas oportunidades de alocação nos mercados primário e secundário, com foco na diversificação entre os principais setores do agronegócio.

O valor da cota encerrou o mês de dezembro sendo negociado com um desconto aproximado de 24% em relação à cota patrimonial. Consideramos esse cenário uma oportunidade atrativa, dado que a carteira conta com mais de 35 emissores, yield média superior a CDI + 3,1% ao ano e duração média próxima de 2,37 anos — características que reforçam o potencial do fundo como uma alternativa eficiente de diversificação, que contribui para o desenvolvimento da cadeia agroindustrial brasileira e conecta o investidor às oportunidades do campo com segurança e solidez.

O BB Fiagro segue bem posicionado para atravessar um ambiente mais seletivo no crédito agro. A combinação entre diversificação setorial, presença relevante em emissores de porte, estruturas de proteção contratual e nível confortável de caixa nos permite manter uma postura prudente, sem abrir mão da captura de retorno. Seguiremos com acompanhamento próximo dos emissores e das cadeias mais sensíveis do portfólio, buscando preservar capital, aproveitar oportunidades com melhor relação risco-retorno e gerar resultados consistentes ao longo do tempo para os cotistas.

Composição da Carteira

Considerando as taxas de remuneração dos ativos na carteira do BBGO11, os CRAs e FIDCs são atrelados ao IPCA, CDI e Prefixado. Dessa forma, a remuneração considerando as taxas médias de aquisição e taxas de mercado se dividem conforme gráfico abaixo:

Ativos	% PL	Taxa Média Compra	Taxa Média a Mercado
CDI	47,10%	1,89%	3,57%
IPCA	16,43%	6,80%	10,39%
OPCOM	33,16%	100% CDI (-) IR	100% CDI (-) IR
PRE	3,31%	13,73%	15,09%

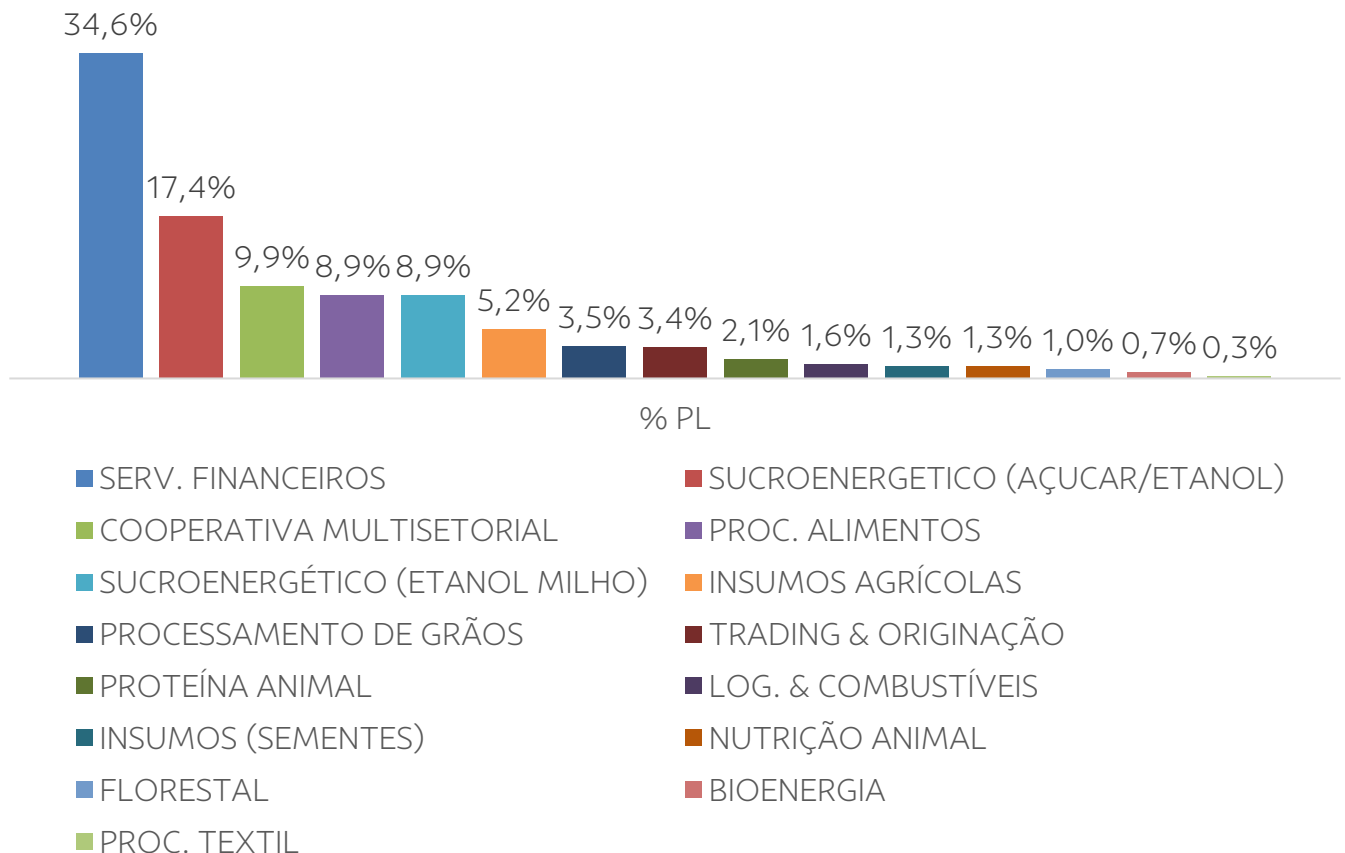
Exposição Setorial

A carteira apresenta boa diversificação, embora com concentração mais relevante em cadeias nas quais hoje enxergamos maior profundidade de mercado e melhores estruturas de crédito. O setor sucroenergético (açúcar e etanol) responde por aproximadamente 17,4% dos ativos investidos, enquanto a exposição a etanol de milho adiciona cerca de 8,9%, resultando em uma participação combinada próxima de 26,3% da cadeia de bioenergia. Na sequência, destacam-se cooperativas multissetoriais (9,9%), processamento de alimentos (8,9%), insumos agrícolas (5,2%), processamento de grãos (5,2%) e trading e origemação (4,5%). Essa composição evidencia um portfólio alocado em segmentos de escala, com presença relevante em elos estratégicos da cadeia agroindustrial — da produção à industrialização e distribuição.

Entre os principais atributos da carteira do BB FIAGRO, destacamos a qualidade dos emissores, em sua maioria companhias com operações consolidadas, escala industrial, integração vertical e forte inserção regional, como grupos relevantes dos setores de alimentos, cooperativas e sucroenergia. Adicionalmente, as estruturas contam com um conjunto consistente de garantias e mecanismos de proteção — incluindo cessão fiduciária de recebíveis, fianças corporativas, alienação fiduciária de ativos, contas vinculadas e covenants financeiros — que contribuem para mitigar riscos de crédito. Por fim, a diversificação entre cadeias produtivas e a manutenção de níveis adequados de caixa reforçam a resiliência do portfólio e a capacidade de capturar novas oportunidades em um ambiente de spreads ainda atrativos.

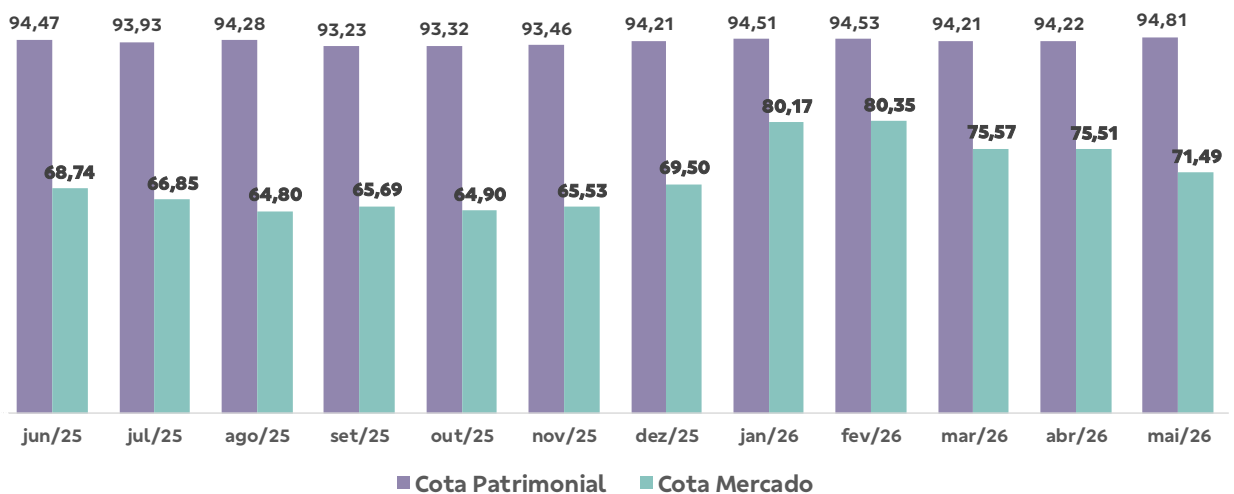
Por outro lado, a carteira demanda monitoramento próximo em alguns vetores de risco. A concentração relevante na cadeia sucroenergética e de bioenergia, apesar de contar com emissores de qualidade, expõe o portfólio à volatilidade dos preços de açúcar, etanol e milho, bem como a fatores climáticos e ao custo financeiro. Além disso, a exposição aos segmentos de insumos agrícolas, sementes e distribuição — que juntos superam 5% da carteira — permanece mais sensível ao aumento da inadimplência no campo, à maior necessidade de capital de giro e à compressão de margens observada no setor. Soma-se a isso a concentração por emissor: os dez maiores grupos representam cerca de 40% do PL, com destaque para Camil (6,3%), Neomille (5,8%), Vale do Tijuco (5,2%), Nardini (4,0%) e Lar Cooperativa (3,8%) o que exige acompanhamento contínuo das respectivas condições operacionais e financeiras.

Ainda assim, avaliamos que tais riscos são, em grande medida, compensados pela qualidade dos ativos, pela solidez das estruturas de crédito e pela atuação ativa na gestão e monitoramento das exposições. A carteira segue posicionada em segmentos estruturais do agronegócio brasileiro, com bons fundamentos de longo prazo, o que sustenta uma visão construtiva para a evolução do portfólio, especialmente diante de um cenário em que a disciplina de crédito e a seletividade tendem a continuar sendo importantes diferenciais de performance.



Evolução da cota patrimonial x cota de mercado

No mês de maio, a carteira do BBGO11 observou 64,72% em Certificados de Recebíveis Agrícolas (CRA) e, neste sentido, um aumento da liquidez para 33,16% da carteira em liquidez (operações compromissadas e caixa). Os ativos atrelados ao IPCA somavam 16,43% dos CRAs, ao CDI 47,15% e prefixados 3,31%.



Demonstrativo de Resultado

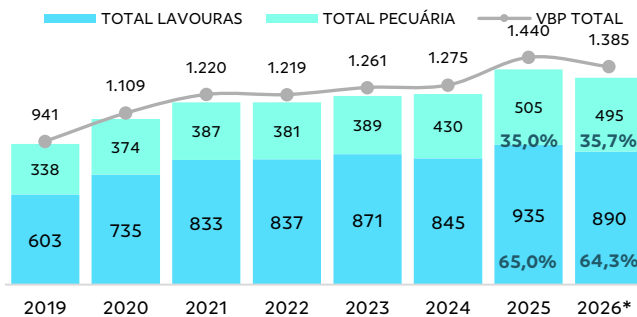
DRE (R\$ Milhões)	dez2025	jan2026	fev2026	mar2026	abr2026	mai2026
Receitas	6,04	5,40	3,64	2,16	3,58	6,57
Rendimento CRA	3,64	3,57	2,99	4,15	3,74	2,89
MTM CRA	-0,15	0,94	-0,58	-3,64	-1,04	2,45
Outras Receitas	2,55	0,89	1,23	1,69	0,89	1,23
Despesas	-0,40	-0,42	-0,34	-0,45	-0,44	-0,49
Taxa de Administração	-0,03	-0,03	0,00	-0,03	-0,03	-0,03
Outras Despesas	-0,37	-0,39	-0,35	-0,42	-0,41	-0,46
Resultado Líquido	5,64	4,97	3,30	1,71	3,14	6,08
Distribuição	3,84	3,84	3,40	3,40	3,40	3,40
Resultado por cota (R\$)	1,41	1,24	0,82	0,43	0,78	1,52
Distribuição por cota (R\$)	0,96	0,96	0,85	0,85	0,85	0,85

Comentário do Consultor de Análise de Crédito

Valor Bruto da Produção

Com base nos dados divulgados pelo Ministério da Agricultura e Pecuária em março de 2026, o Valor Bruto da Produção Agropecuária (VBP) projetado para 2026 é de R\$ 1,385 trilhão, sinalizando queda de 3,9% frente ao ano de 2025, cujo faturamento foi de R\$ 1,440 trilhão. As estatísticas foram calculadas pela Secretaria de Política Agrícola do Ministério, com valores deflacionados pelo IGP-DI da Fundação Getúlio Vargas (FGV) de março de 2026.

VBP da Lavoura e Pecuária*

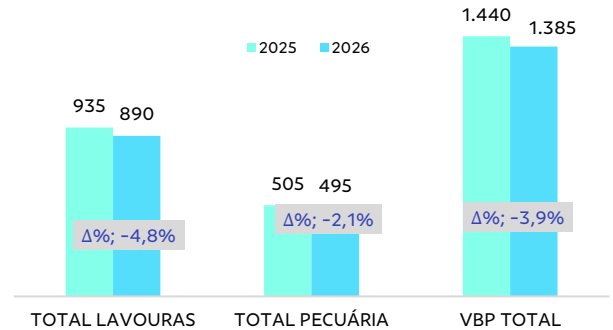


* 2026 são previsões

Fonte Preços: Cepea/Esalq/USP, CONAB e FGV/FGVDados

Fonte: Min. Agricultura/Elab.: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

VBP Agropecuária*



* 2026 são previsões

Fonte Preços: Cepea/Esalq/USP, CONAB e FGV/FGVDados

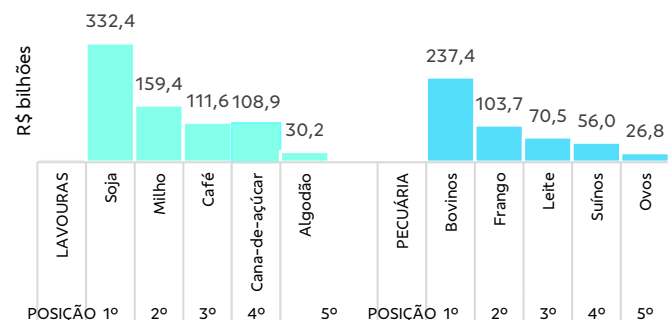
Fonte: Min. Agricultura/Elab.: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Após crescer 10,6% em 2025, resultado da combinação entre aumento da produção física e valorização de preços em algumas atividades da agricultura, as projeções para 2026 mostram perda de faturamento de 4,8% nas lavouras, puxada por culturas agrícolas como milho, cana-de-açúcar, laranja, arroz, algodão e cacau cujos levantamentos de safra apontam para queda na produção em decorrência de menor produtividade ou área plantada, além de cotações atuais em patamares depreciados.

Na pecuária, passado a forte expansão de 17,6% do VBP em 2025, influenciado por altos volumes de abate de bovinos, valorização de preços e bom desempenho nas cadeias de aves e suínos, o faturamento deve cair 2,1% em 2026.

O principal destaque na pecuária segue na cadeia de bovino. No caso da pecuária bovina de corte, apesar da virada do ciclo pecuário e queda nos abates, preços valorizados ainda devem dar suporte ao bom faturamento neste ano, com previsão de aumento de 7,4% no VBP. Em contraste, as cadeias de suínos e aves devem apresentar retração no VBP de 12,8% e 10,0% respectivamente. Isso ocorre porque os recordes de produção ampliaram significativamente a oferta interna, pressionando os preços para baixo e reduzindo a renda bruta dessas atividades.

Posição dos Produtos com Maior VBP
Estimativa para Março 2026



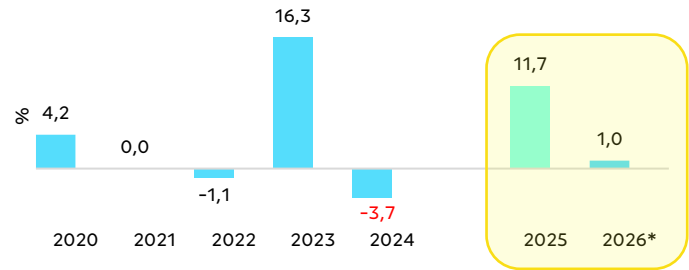
Fonte: Ministério da Agricultura e Pecuária - Estimativa: Março/2026
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

PIB Agropecuário

O PIB do setor encerrou 2025 com expansão de 11,7%, impulsionado principalmente pela produção recorde de grãos no ciclo 2024/25. Esse desempenho ocorreu após as perdas significativas registradas na safra 2023/24, quando condições climáticas adversas comprometeram a produtividade.

Para 2026, projeta-se novo crescimento, embora em forte desaceleração, diante do esperado recuo na produção de algumas culturas como algodão, arroz, milho, cana-de-açúcar e trigo no ciclo 2025/26.

PIB Agropecuário

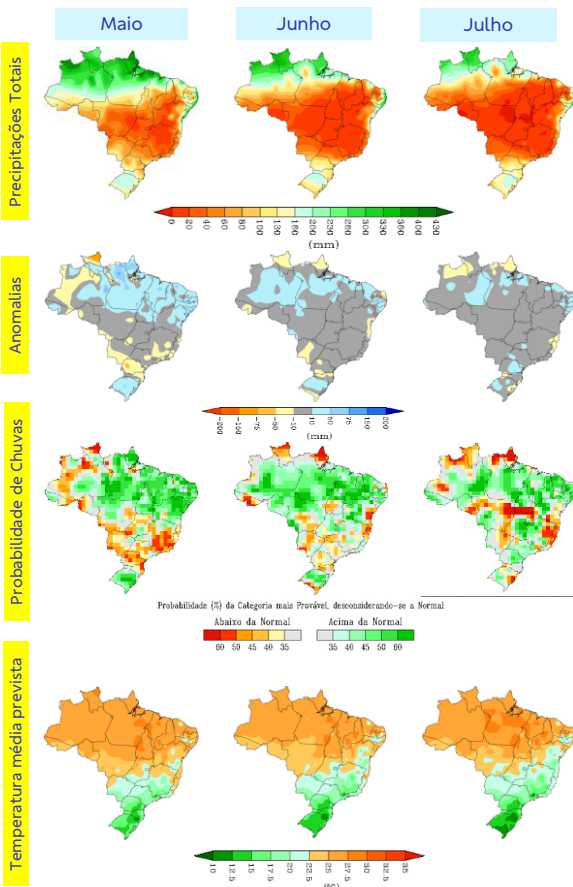


*Projeção

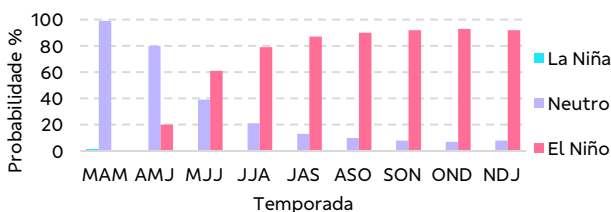
Fonte: IBGE e BB Assessoramento Econômico (cenário de 08/05/2026)

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Clima



Probabilidade Evento ENOS (Abril de 2026)



Fonte: National Oceanic and Atmospheric Administration - NOAA
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Projeções do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET) para os meses de maio, junho e julho apontam para baixos volumes de precipitação, especialmente no Centro-Sul do país, embora compatível com o padrão climático do período de maior estiagem.

Apesar de não serem esperadas anomalias, para alguns pontos do Sudeste e Centro-Oeste, em áreas tradicionais de produção agropecuária, as probabilidades sugerem chuvas abaixo do normal. No mais, irregularidades também são aguardadas para trechos na Bahia e na Região Sul.

Quanto às temperaturas, a proximidade do inverno já começa a associar temperaturas mais baixas, notadamente nas regiões Sul e Sudeste, embora no Norte e trechos do Nordeste ainda predomine expectativas de temperatura entre 25°C e 27,5°C.

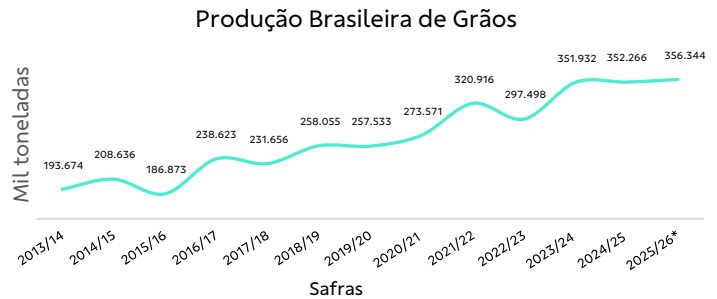
Nesse quadro, o avanço gradual e ainda irregular do frio tende a aumentar o risco para o milho segunda safra em áreas tardias, enquanto favorece a maturação da cana-de-açúcar, a implantação do trigo e mantém o café em condição geral adequada, com riscos de frio apenas localizados.

Segundo o último boletim da Administração Nacional Oceânica e Atmosférica dos EUA (NOAA, em inglês), de abril de 2026, foi confirmado o fim do La Niña e atualmente está vigente período de neutralidade climática, embora com elevadas chances de formação de novo El Niño neste ano. No trimestre móvel de maio a julho de 2026, a probabilidade de se formar o El Niño é de 61% (ante 45% na projeção do mês anterior) e aumenta ao longo do 2º semestre, alcançando mais de 90% de chance de formação do fenômeno a partir de setembro de 2026.

Ainda existem incertezas quanto à intensidade do fenômeno, porém, se confirmado, reflexos no País são de redução de chuvas no Norte e Nordeste, com atenção para prolongamento da seca, excessos de chuvas na região Sul e, de maneira geral, maior calor e irregularidades pluviométricas em todo o país. Assim, a sinalização do fenômeno em 2026 adiciona preocupação para o ciclo agrícola 2026/27.

Destaques – Produção de Grãos

Para a safra 2025/26, o sétimo levantamento da Conab indica uma produção total de 356,3 milhões de toneladas, volume 1,2% ou 4,1 milhão de toneladas superior ao obtido em 2024/25. Ainda segundo a Conab, a área a ser semeada deverá crescer 2,0% em relação ao ciclo anterior, sendo estimada em 83,3 milhões de hectares. Esse incremento representará a incorporação de 1,6 milhões de hectares ao cultivo no conjunto das três safras do ciclo 2025/26.



* Projeção.

Fonte: Conab – 7º Levantamento da Safra de Grãos 2025/26 – Abril/2026

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

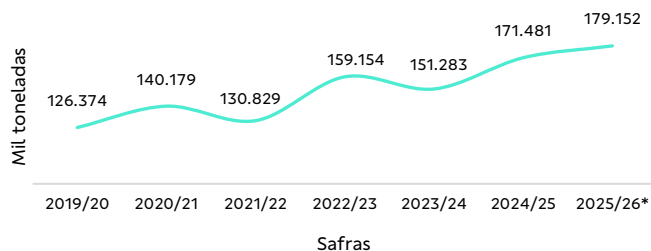
A safra brasileira de grãos compreende culturas como algodão, arroz, aveia, cevada, canola, feijão, milho, soja e trigo, cujos cultivos são organizados em três ciclos distintos ao longo do ano. A primeira safra tem sua semeadura concentrada entre o final de agosto e dezembro e tem como principais culturas a soja, o milho 1ª safra, o arroz, o feijão e o algodão. Já a segunda safra, tradicionalmente chamada de safrinha, ocorre entre janeiro e meados de abril, tendo como principais culturas o milho 2ª safra, feijão e algodão. Por fim, a terceira safra e as culturas de inverno têm seus cultivos iniciados entre abril e junho. A segunda safra — assim como parte das culturas de inverno e da terceira safra — é implantada logo após a colheita da primeira, aproveitando-se os resíduos culturais e as condições deixadas pelo ciclo anterior para otimizar o uso da terra e dos recursos produtivos. Nesse contexto, destaca-se a importância do manejo adequado e da definição correta da janela de plantio da primeira safra, fator determinante para o bom desempenho das safras subsequentes.

Soja

Com aproximadamente 95% da safra 2025/26 já colhida no final de abril de 2026, a produção estimada do ciclo deve atingir 179,2 milhões de toneladas, 4,5% superior à registrada no ciclo 2024/25, o que representaria novo recorde de produção.

A área plantada de soja cresceu 2,4% no ciclo, impulsionada pela demanda externa e pelo consumo interno aquecido. A expansão, porém, foi limitada por restrições de crédito, maior atratividade da pecuária de corte e episódios de estiagem.

Produção Brasileira de Soja



* Projeção.

Fonte: Conab – 7º Levantamento da Safra de Grãos 2025/26-Abr/2026

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Desempenho no campo

Soja	2024/25	2025/26*
Produção (mil ton.)	13,3%	4,5%
Produtividade (kg/ha)	10,3%	2,0%
Área (ha)	2,7%	2,4%

*Projeção

Fonte: Conab – 7º Levantamento de Safra de Grãos 2025/26 -Abr/2026

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Na indústria, a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove) projeta crescimento da demanda e prevê o esmagamento de 62,2 milhões de toneladas de soja em 2026, incremento de 5,9% frente às 58,7 milhões de toneladas estimadas para 2025. O farelo de soja, principal derivado do processamento, deve registrar alta de 6,7% na produção em 2026, após expandir 5,1% em 2025, impulsionado sobretudo pelo aumento das exportações destinadas à formulação de ração animal. A produção de óleo de soja, por sua vez, encerrou 2025 com avanço de 5,2% e projeta-se crescer 4,8% em 2026. O desempenho é sustentado principalmente pelo fortalecimento do consumo interno, especialmente pela indústria alimentícia, com destaque para a fabricação de óleo de cozinha.

Preços e Custos – Os custos de produção da soja permanecem elevados, pressionados pelo aumento nos preços de fertilizantes, defensivos, diesel e fretes, enquanto não se observa valorização na cotação da commodity, reduzindo as margens dos produtores. O encarecimento dos fertilizantes reflete a oferta internacional restrita, a demanda global firme, os impactos do conflito no Oriente Médio sobre logística e energia, além das limitações às exportações em grandes produtores como Rússia e China. Esse cenário já se refletia nas compras para o próximo ciclo e foi intensificado a partir de março, mantendo um ambiente de maior risco e menor rentabilidade para a sojicultura. Segundo o Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária (Imea), a cultura da soja foi a que apresentou maior incremento de custo de produção no mês de março passado, aumentando 6,98%

Além disso, o custo do capital permanece elevado, refletindo a manutenção da taxa Selic em patamar restritivo, o que encarece o financiamento da produção, limita o acesso ao crédito e pressiona as necessidades de capital de giro dos produtores.

Em relação à cotação da commodity, após a forte retração observada entre 2022 e o início de 2024, os preços passaram a apresentar recuperação gradual, ainda marcada por oscilações típicas do mercado e insuficiente para compensar a alta dos custos de produção. A partir de janeiro de 2026, com a chegada da colheita brasileira e as revisões de alta na produção global aumentando a percepção de oferta abundante, as cotações recuaram, oscilando em patamar inferior a R\$ 130,00 por saca.

No curto prazo, mesmo diante de estoques relativamente confortáveis, não se observam fundamentos suficientes para sustentar valorizações mais consistentes dos preços.

Ainda assim, a forte demanda por biodiesel, a persistência das incertezas relacionadas à guerra tarifária e a continuidade das tensões geopolíticas no Oriente Médio, que têm sustentado as cotações do petróleo e ampliado a atratividade de fontes alternativas de energia, como os biocombustíveis, podem introduzir novos vetores mais benéficos para fortalecer preços.

No mais, o ambiente para os preços de fertilizantes ainda permanece sensível aos desdobramentos do conflito no Oriente Médio, o que segue influenciando as decisões de plantio também nos Estados Unidos. Como a cultura do milho é mais intensiva no uso de ureia, esse contexto pode favorecer uma maior migração de área para a soja, ampliando a oferta futura da oleaginosa e exercendo viés negativo sobre as cotações. Do lado industrial, a ausência de expectativas de uma valorização mais expressiva dos preços futuros da soja reforça a percepção de menor pressão de custos ao longo da cadeia produtiva.

Mercado Externo – O Brasil mantém a liderança das remessas globais de soja em grãos, com a China sendo o principal destino, que respondeu por 54,9% das exportações do país no primeiro trimestre de 2026. A produção brasileira recorde no ciclo 2024/25, a demanda externa aquecida e a guerra comercial entre EUA e China foram fatores que beneficiaram as vendas externas no ano passado, cujo incremento, segundo a Abiove, foi de 9,5%. Com a expectativa de permanência na demanda global e de nova expansão na produção brasileira no ciclo 2025/26, projeta-se a continuidade do crescimento das vendas externas do Brasil em 2026, estimado em 5,1%, conforme a última projeção da Abiove, embora o prolongamento do conflito no Oriente Médio possa representar fator restritivo via encarecimento de fretes e na logística global.

Para a indústria de farelo de soja, projeções da Abiove indicam expansão de 5,7% nas vendas externas de 2026, após crescer 0,6% em 2025, ainda que o consumo doméstico siga aquecido pela crescente demanda da indústria de ração animal. Simultaneamente, a maior absorção de soja pela indústria de óleo, voltada ao mercado alimentício e ao biodiesel, reforça a competição interna por matéria-prima e limita o espaço para avanço das exportações.

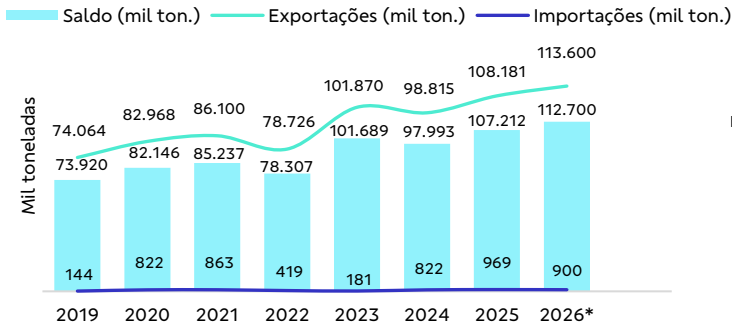
Indicador Soja Esalq/B3 - Paranaguá



Fonte: Cepea/Esalq/USP

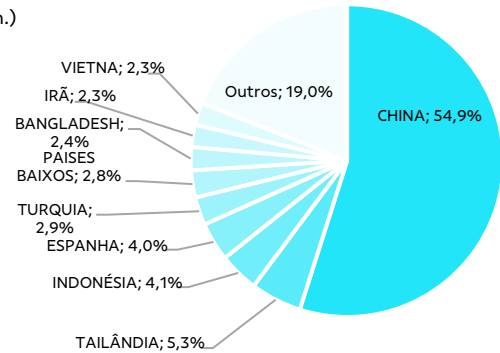
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Balança Comercial – Soja em Grãos Acumulado/Ano



*2026 = Projeção Abiove
Fonte: Abiove, Secex e Agrostat
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Export. de Soja em Grãos – por Destino Acumulado – Jan-Mar/2026



Fonte: MDIC/Secex/Comex Stat
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Milho

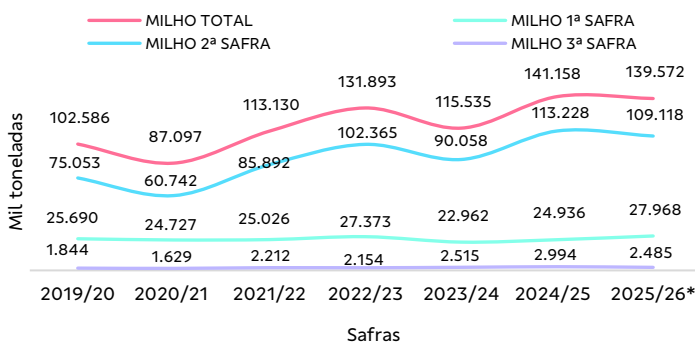
Após o desempenho recorde da safra 2024/25, impulsionado por ganhos de produtividade e expansão da área plantada, o ciclo 2025/26 avança com a colheita da primeira safra em curso tendo atingido 66,7% no final de abril passado e com estimativas de redução de 1,1% na produção do conjunto das três safras, segundo a Conab, embora ainda represente o segundo maior volume registrado no país.

Na 1ª safra, cujo plantio ocorre de setembro a novembro e a colheita entre janeiro e abril, as estimativas apontam para reversão da tendência de retração de área plantada observada nos últimos anos, ampliando em 8,8%, e com produção crescendo 12,2%. Esse movimento de expansão no plantio ocorre por meio da migração de cultivo de arroz e feijão, sendo esperado aumento de 3,1% na produtividade.

Para a 2ª safra, “safrinha”, mais expressiva e atualmente com 100,0% do plantio concluído, as estimativas apontam para condição semelhante em termos de maior área plantada (2,1%) e menor rendimento (-5,6%), que, nesse caso, deve levar a produção a uma redução de 3,6% em relação à safra correspondente do ciclo 2024/25. O avanço da semeadura esteve diretamente ligado às precipitações que ocorreram em fevereiro passado e influenciaram a velocidade da colheita da soja.

Já a 3ª safra do período 2025/26, com um montante de produção mais residual, inicia-se no 2º semestre, sendo semeada em áreas próximas ao litoral nordestino e norte do Brasil. A expectativa de produção ainda é muito preliminar, mas aponta para forte retração de 17% após o crescimento recorde estimado em 19% no ciclo já finalizado.

Produção Brasileira de Milho



*Projeção.
Fonte: Conab – 7º Levantamento da Safra de Grãos 2025/26 – Abril/2026
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

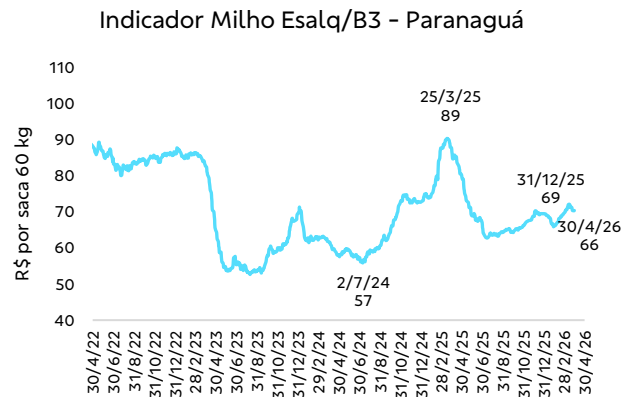
Desempenho no campo

Milho 3 Safras	2024/25	2025/26*
Produção total (mil ton.)	22,1%	-1,1%
Produtividade (kg/ha)	16,5%	-4,0%
Área (ha)	3,8%	3,0%

*Projeção.
Fonte: Conab – 7º Levantamento da Safra de Grãos 2025/26 – Abril/2026
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

O expressivo avanço da produção de milho no ciclo passado, aliado à crescente demanda por derivados do milho — como farelo e óleo utilizados tanto na alimentação quanto na fabricação de biocombustível — impulsionou de forma robusta a indústria de processamento ao longo de 2025. Para 2026, a estimativa da Conab é de incremento de 4,5% no consumo interno de milho. Nesse contexto, as perspectivas para a utilização do milho continuam favoráveis com o fortalecimento da demanda por etanol e coprodutos, reforçadas pela aprovação da Organização Marítima Internacional (IMO) do etanol brasileiro de milho para uso como combustível marítimo, abrindo um novo mercado potencial e consolidando a importância crescente do milho na matriz de energia renovável e do papel do Brasil como um dos principais protagonistas no mercado de bioenergia. Soma-se a forte valorização do petróleo por conta do conflito no Oriente Médio, o que amplia a atratividade dos biocombustíveis, estimulando a produção da commodity, ainda que desafiada pelas margens pressionadas, custo do capital e riscos climáticos.

Preços e Custos – A partir de agosto de 2025, os preços inverteram a trajetória baixista e passaram a se recuperar parcialmente, após terem sido pressionados pelo avanço das safras do Brasil e da Argentina e pela ampliação da área plantada nos EUA. A correção subsequente decorreu do fortalecimento das exportações e da expansão do consumo interno, especialmente pela indústria de rações e pelo crescente uso de milho para etanol, potencializado inclusive nos últimos dias pelo aumento do preço do petróleo. Esses fatores devem seguir apoiando as cotações, embora o elevado volume de estoques, cerca de 12,6 milhões de toneladas no início da temporada, ante 1,8 milhão no ano anterior, e as boas expectativas de produção no Brasil e nos EUA limitem o potencial de valorização.



Fonte: Cepea/Esalq/USP
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

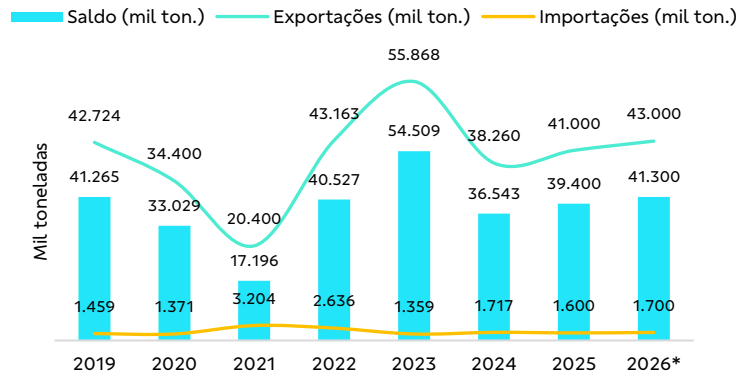
Apesar da permanência de fundamentos de suporte às cotações, os elevados estoques e a pressão da entrada das novas safras explicam a queda mais acentuada observada em janeiro de 2026. Entre fevereiro e março, os preços passaram por correção positiva, sustentada pela oferta interna mais restrita, reflexo da menor disposição dos produtores para negociar e do foco na colheita da safra de verão, além do avanço das exportações e do efeito indireto do conflito no Oriente Médio, que elevou a cotação do petróleo e reforçou a atratividade do etanol. Em abril, com o avanço da colheita de milho e soja, houve leve recuo dos preços, diante da maior necessidade de comercialização. Adicionalmente, a pressão sobre os fertilizantes, especialmente a ureia, pode influenciar o plantio nos EUA em favor da soja, potencialmente limitando a oferta futura de milho e contribuindo para um viés de sustentação das cotações.

No caso do farelo de milho, cuja oferta tem sido ampliada tanto pelo processamento tradicional quanto pela expansão da produção de etanol de milho, via coprodutos como o grãos secos de destilaria (DDG), o preço apresentou ajuste mais gradual, mesmo diante da expansão da demanda do setor de rações, impulsionada pelo crescimento contínuo da indústria de proteína animal. A formação das cotações segue condicionada às margens das indústrias de processamento e à competitividade do farelo frente a outros insumos energéticos e proteicos. Adicionalmente, a correlação estrutural entre os mercados de milho e soja, tanto pela complementaridade na oferta quanto pela substituição na formulação de dietas, exerce influência direta sobre o comportamento de preços. No mais, fatores macroeconômicos, como a taxa de câmbio, e variáveis logísticas, incluindo infraestrutura de transporte e capacidade de armazenagem, continuam determinando a eficiência operacional e a geração de receitas dos agentes produtivos.

Exportações – Diante da maior oferta de milho projetada para a safra 2025/26, espera-se para 2026 a continuidade da expansão das exportações do cereal, ainda que em ritmo inferior ao observado em 2025, com crescimento estimado de 4,9%. Esse desempenho é sustentado tanto pela produção interna quanto pela competitividade do Brasil em um contexto de maior disponibilidade global. Ressalta-se, contudo, a possibilidade de desaceleração no ritmo dos embarques, tendo em vista que o Irã, responsável por aproximadamente 20% das exportações brasileiras de milho em volume, encontra-se no centro do conflito no Oriente Médio, além das pressões adicionais sobre custos logísticos, como fretes e seguros.

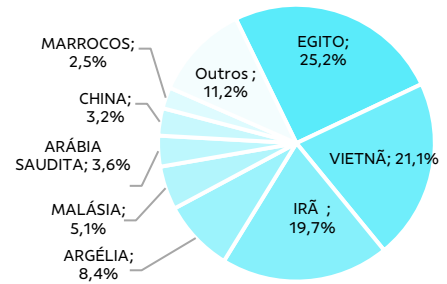
Em março, primeiro mês de vigência do conflito, as exportações de milho para a região do Oriente Médio recuaram 95,7%, porém, houve compensação para outros destinos, observando avanço de 12,8% nas exportações totais de milho frente ao mesmo período de 2025.

Balança Comercial – Milho
Acumulado/Ano



*2026 = Projeção USDA
Fonte: Secex e Agrostat
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Exportações de Milho por Destino
Acumulado Janeiro a Março/2026

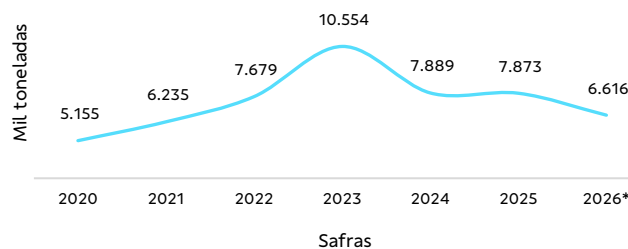


Fonte: MDIC/SECEX; Comex Stat
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Trigo

A safra de trigo 2025 foi concluída no final do ano passado, alcançando produção nacional de 7.873 milhões de toneladas, volume 0,2% inferior ao do ciclo anterior. Para a safra 2026, as estimativas apontam para redução de 16,0% na produção. Os primeiros cultivos foram iniciados em áreas de sequeiro em Goiás, Minas Gerais e Distrito Federal e na Região Sul. A redução na produção do grão decorre, principalmente, da revisão das estimativas iniciais de área no Rio Grande do Sul, com diminuição de aproximadamente 112 mil hectares. Esse ajuste está associado a estiagens no estado, que provocou perdas em lavouras de verão, especialmente na soja, agravando a situação financeira dos produtores. Soma-se a isso, o aumento do risco produtivo, associado às previsões climáticas e à baixa expectativa de rentabilidade, agravada inclusive com a elevação nos custos de insumos, como fertilizantes e combustíveis.

Produção de Trigo



(*) Projeção.
Fonte: Conab – 7º Levantamento da Safra de Grãos 2025/26 – Abril/2026
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Desempenho no Campo

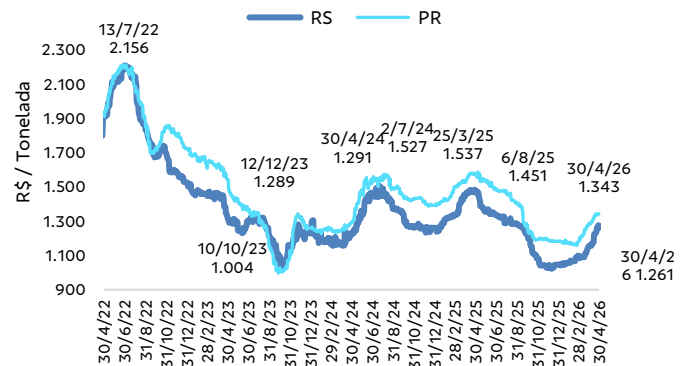
Trigo	2025	2026*
Produção (mil ton.)	-0,2%	-16,0%
Produtividade (kg/ha)	24,8%	-7,5%
Área (ha)	-20,0%	-9,2%

*Projeção
Fonte: Conab – 7º Levantamento de Safra de Grãos 2025/26 – Abril/2026
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Apesar dos desafios, o principal fator de sustentação da produção brasileira de trigo continua sendo a demanda das indústrias de moagem, cuja projeção para 2026 aponta crescimento moderado, próximo à estabilidade. Esse movimento reflete a maturidade do mercado de farinha no país, caracterizado por um padrão de consumo relativamente estável e por limites estruturais para expansões mais aceleradas no curto prazo. Ainda assim, as indústrias moageiras seguirão dependentes de volumes expressivos de trigo importado para atender à demanda interna. Nesse contexto, a Argentina segue como principal exportadora de trigo para o Brasil, favorecida pela proximidade geográfica e pelo fato de fazer parte do Mercosul e pelos custos logísticos mais baixos. No entanto, na atual temporada, parte do trigo argentino não tem atendido as necessidades da indústria brasileira, obrigando os compradores a recorrerem a outros mercados. O consumo de derivados de trigo, por sua vez, permanece sustentado por hábitos alimentares consolidados, pela resiliência do mercado de trabalho e pelo crescimento da renda real, fatores que seguem estimulando a produção, as vendas e o faturamento do setor.

Preços e Custos – No ano passado, as cotações do trigo entraram em trajetória de baixa a partir de abril. Mais recentemente, desde janeiro de 2026, observa-se um movimento de recuperação dos preços, impulsionado pela oferta mais restrita e pela baixa liquidez, características típicas do período de entressafra. No curto prazo, a tendência é de manutenção dos preços em patamares firmes, ainda que com maior volatilidade e viés mais lateral, sustentada pela entressafra, pelas expectativas de menor oferta doméstica – em razão da redução da área plantada e da produção no ciclo atual –, pela demanda firme das moageiras e pela valorização do trigo no mercado internacional, especialmente diante das incertezas climáticas sobre a safra dos Estados Unidos.

Indicador do Trigo Cepea/Esalq



Fonte: Cepea/Esalq/USP

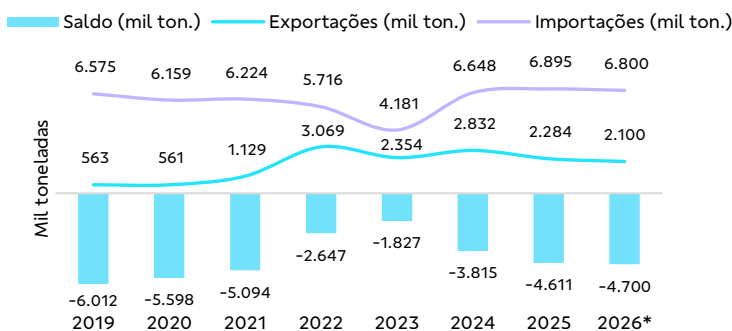
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

No mais, os custos de produção do trigo seguem pressionados pela restrição global de insumos, situação agravada pelo fechamento do Estreito de Ormuz a partir do atual conflito no Oriente Médio, haja vista a representatividade dos países da região no fornecimento global e o efeito decorrente da valorização na cotação do gás natural utilizado na produção. No mais, o conflito também já impacta os custos de produção em razão de maiores preços de combustíveis e fretes.

Na indústria, o recente movimento de correção na cotação do trigo, principal insumo, volta a ameaçar as margens operacionais, pressionando os resultados do setor. Além disso, o elevado custo de capital decorrente da Selic, que permanece em patamar contracionista, segue restringindo a capacidade de financiamento dos moinhos e intensificando a pressão sobre o fluxo de caixa dessas empresas.

Mercado Externo – O Brasil segue dependente das importações para atender sua demanda interna de trigo, que em 2025 alcançou cerca de 56% do consumo nacional. Dados recentes do acumulado no primeiro trimestre de 2026 mostram que a Argentina, principal fornecedora, respondeu por 69,8% do volume importado pelo Brasil, com um total de 869,4 mil toneladas, redução de aproximadamente 43,0% ante mesmo trimestre de 2025. Por outro lado, o Paraguai incrementou as exportações para o Brasil em 60,3% com um total de 158,2 mil toneladas.

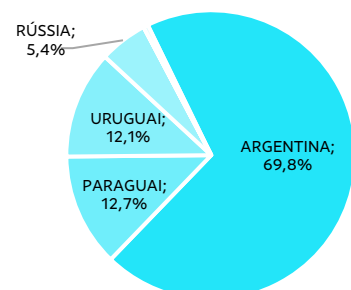
Para o ano, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) projeta a manutenção desse padrão, com o país continuando a recorrer a importações elevadas para equilibrar o abastecimento interno, embora em menor intensidade que em 2025.

Balança Comercial do Trigo
Acumulado/Ano

*2026 = Projeção USDA

Fonte: Secex e Agrostat

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Importações de Trigo por Origem
Acumulado Janeiro a Março/2026

Fonte: MDIC/Secex; Comex Stat

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Cana-de-Açúcar

O ciclo da cana-de-açúcar na safra 2026/27, iniciado em abril de 2026, tem produção estimada em torno de 709,1 milhões de toneladas, conforme levantamento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), de abril de 2026, indicando incremento de 5,3% frente à safra anterior.

O avanço na produção decorre da maior área destinada à colheita, estimada em 9,1 milhões de hectares e crescimento de 1,9%, além dos ganhos esperados de produtividade. As condições climáticas observadas em 2025 refletirão nas lavouras desta safra, o que resultará em aumento de 3,4% na produtividade média em relação à última temporada, atingindo 77.753 kg/ha.

Já a expansão de área está associada à migração de áreas de pastagem e, em alguns estados, áreas anteriormente destinadas a culturas anuais. A expansão é reflexo da expectativa de manutenção do país como principal produtor de açúcar e no aumento na produção de etanol. Além da produção do biocombustível derivado da cana-de-açúcar, o etanol de cereais continuará ganhando espaço nesta safra.

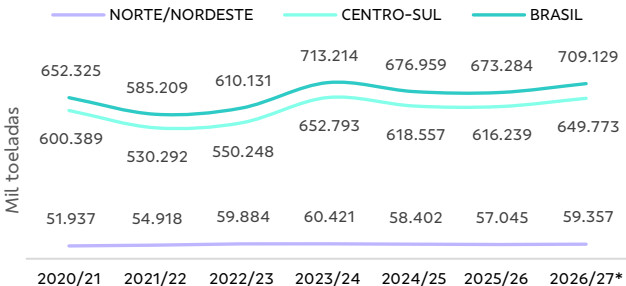
Desempenho do Setor

Cana-de-Açúcar	2025/26	2026/27*
Produção (mil ton.)	-0,5%	5,3%
Produtividade (kg/ha)	-2,6%	3,4%
Área (mil ha.)	2,1%	1,9%

Produção de Derivados	2025/26	2026/27*
Açúcar	0,1%	-0,5%
Etanol de Cana	-6,9%	7,1%

Fonte: Conab - 1º levantamento da safra de cana-de-açúcar 2026/27. Abril/2026. * Projeção.
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito.

Produção de Cana-de-Açúcar



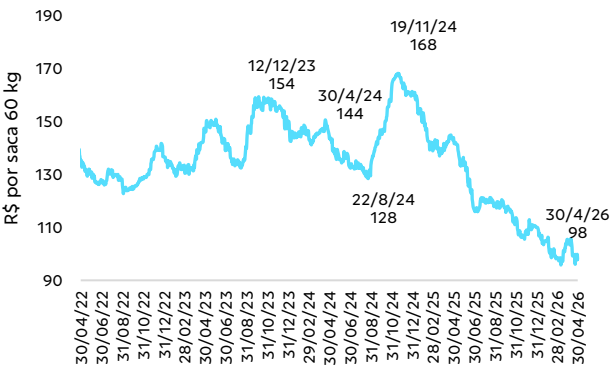
* Projeção
Fonte: Conab
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Produção de Açúcar

A produção de açúcar é estimada em 43,95 milhões de toneladas, o que representa uma redução marginal de 0,5% em relação à safra anterior, refletindo ajustes no mix de produção das usinas e desafios climáticos pontuais ao longo do ciclo. A manutenção dos níveis de oferta do adoçante ocorre em um contexto desafiador, marcado por preços internacionais pressionados, influenciados pelo aumento da disponibilidade global e por estoques elevados em importantes países produtores como na Índia e Tailândia. Além disso, custos de produção elevados e a volatilidade cambial tendem a limitar a competitividade e as margens do setor.

Cotações do Açúcar – O clima mais ameno, predominante ao longo de 2025 e favorável à recuperação da produção brasileira de cana, aliada à retomada da oferta global, resultou em acentuada depreciação dos preços do açúcar ao longo do ano passado. Em 2026, após dois meses consecutivos de continuidade das quedas, as cotações reagiram em março, impulsionadas principalmente pelas tensões geopolíticas no Oriente Médio, que elevaram os preços do petróleo e da gasolina. Esse movimento aumentou a competitividade do etanol, reforçando expectativas de um direcionamento maior da cana para biocombustíveis e, consequentemente, de menor oferta açucareira adiante. Contudo, até o encerramento de abril passado, essa reação mostrou-se parcial e volátil. Os preços do açúcar bruto na ICE encerraram o mês ao redor de R\$ 98,00, ainda inferiores aos níveis observados no início do ano e próximos às mínimas plurianuais, refletindo a persistência de fundamentos baixistas

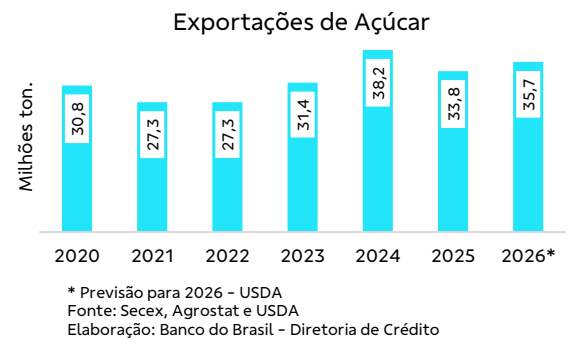
Indicador do Açúcar Cristal – Cepea/Esalq São Paulo



Fonte: Cepea/Esalq/USP
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Prospectivamente, parte do mercado considera que eventuais revisões para baixo da produção indiana, aliadas aos riscos climáticos sobre o regime de monções sob influência do El Niño e à maior competitividade do etanol, favorecida por prêmios elevados no mercado de energia em meio às tensões no Oriente Médio, podem reduzir, em alguma medida, a disponibilidade global de açúcar. Caso esses vetores se confirmem de forma mais consistente, haveria espaço para algum suporte às cotações internacionais e para uma correção parcial dos preços à frente, condicionada, contudo, à materialização de uma queda mais expressiva na oferta do adoçante.

Exportações – As exportações brasileiras de açúcar registraram queda de 11,6% em 2025, período que a receita caiu em maior intensidade (24,12%), passando de US\$ 18,6 bilhões para US\$ 14,1 bilhões. A maior oferta global de açúcar em 2025, impulsionada pelo retorno da Índia e da Tailândia ao mercado internacional, somada à redução da produção doméstica, contribuiu para a queda no volume exportado pelo Brasil. Mais recentemente, no 1º trimestre de 2026, as exportações evoluíram 5,8% em comparação a igual período do ano passado, atingindo 6,0 milhões de toneladas. No entanto, a receita caiu 19,1%, refletindo o recuo nos preços.



Prospectivamente, para o final de 2026, embora as estimativas do USDA indiquem um aumento de 5,6% nas exportações brasileiras de açúcar, os volumes projetados ainda seriam substancialmente inferiores aos registrados em 2024. Novos embarques podem ser afetados pelo conflito em curso no Oriente Médio, uma vez que 17% das exportações brasileiras de açúcar são destinadas a países da região do conflito, além do fato da guerra provocar pressões sobre custos logísticos (fretes e seguros) e também por trazer maior competitividade ao etanol frente ao açúcar. Ainda assim, no mês de março, período já na vigência do conflito, as exportações em volume para o Oriente Médio cresceram 3,8% frente a março de 2025.

Produção de Etanóis

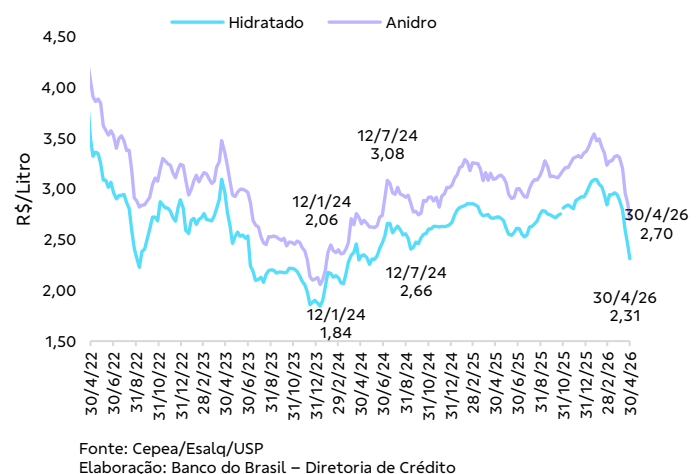
No ciclo produtivo 2026/27, em início de fase, a primeira estimativa é de uma produção total de etanol de aproximadamente 40,7 bilhões de litros do biocombustível, crescimento de 7,1% frente ao ciclo anterior. A distribuição de produção é a seguinte: 29,3 bilhões de litros do etanol oriundo da cana-de-açúcar e 11,4 bilhões de litros proveniente do milho. A expectativa é de uma possível mudança no mix de produção, com maior direcionamento da cana-de-açúcar para o etanol.

Cotações do Etanol – Os preços dos etanóis hidratado e anidro de cana-de-açúcar, após queda no 1º semestre de 2025, iniciaram movimento de reversão com a maior procura em razão da elevação da mistura E27 para E30 (mistura de etanol na gasolina).

No entanto, a partir de abril de 2026, os preços recuaram em razão do rápido aumento da oferta, associado ao início da safra 2026/27 no Centro-Sul, com avanço acelerado da moagem favorecido por condições climáticas mais secas. Esse movimento foi reforçado pela maior disponibilidade de etanol de milho. Destaca-se, ainda, que no último mês, as distribuidoras mantiveram postura cautelosa, realizando apenas compras pontuais, o que levou as usinas, diante do receio de novas quedas, a ampliar a oferta no mercado spot para girar estoques, intensificando a pressão baixista sobre os preços.

Embora no curto prazo o mercado de etanol deve seguir com preços relativamente estáveis em níveis mais baixos em função do aumento da oferta com o avanço da safra 2026/27 no Centro-Sul, por outro lado, o aumento do E30 para o E32, em debate, pode estimular mais a demanda, com algum reflexo em preços.

Cotação Semanal do Etanol Cepea/Esalq



Exportações – As exportações de etanol caíram 16,0% em 2025, totalizando 1,6 bilhão de litros no ano. No 1º trimestre de 2026, a retração foi equivalente a 60% frente a igual período do ano anterior. No entanto, a projeção para o ano de 2026 é de estabilidade.

Os Países Baixos são o principal destino, com 38,2% do volume exportado, seguida pela Coreia do Sul (21,7%) e Estados Unidos (19,8%).

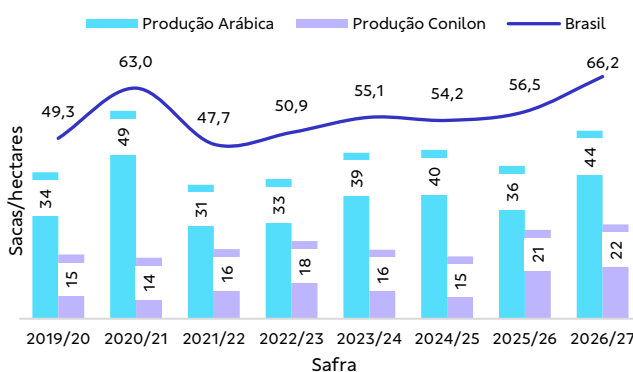
O desempenho fraco reflete, sobretudo, a maior atratividade do mercado doméstico, que levou as usinas a priorizarem as vendas internas diante da competitividade do etanol frente à gasolina, combinada a um ambiente externo menos favorável, marcado pela ampla oferta de etanol de milho nos Estados Unidos, preços internacionais pouco atrativos e custos logísticos elevados.

A escalada do conflito no Oriente Médio manteve elevada a volatilidade no mercado internacional de energia ao longo dos últimos dois meses, sustentando os preços do petróleo em patamares elevados diante dos riscos recorrentes de interrupções logísticas no Estreito de Ormuz, por onde transita cerca de 20% do suprimento global. Esse ambiente de energia mais cara tende a reforçar a competitividade do etanol brasileiro, uma vez que o encarecimento da gasolina amplia a atratividade do biocombustível, estimulando potencialmente a demanda externa e incentivando as usinas a direcionarem maior parcela da cana para etanol em detrimento do açúcar. Contudo, o mesmo cenário geopolítico segue pressionando custos de frete, seguros e logística internacional, o que pode limitar parcialmente os ganhos das exportações brasileiras de etanol no curto prazo.

Café

Para a safra de café 2026/27, o 1º levantamento divulgado pela Conab em fevereiro de 2026 projetou uma safra recorde, estimada em 66,2 milhões de sacas, o que representa um crescimento de 17,1% em relação à safra anterior. Indicadores climáticos e informações de campo, observados até o início do segundo trimestre, permanecem, em linhas gerais, consistentes com o cenário delineado no levantamento da Conab. Além disso, parte dos agentes de mercado avalia a possibilidade de revisões positivas adicionais na produção, o que tende a reforçar um quadro de maior disponibilidade e de relação estoque/consumo mais equilibrada à frente, condicionada, contudo, à evolução das condições climáticas nas fases finais do ciclo e ao comportamento da demanda.

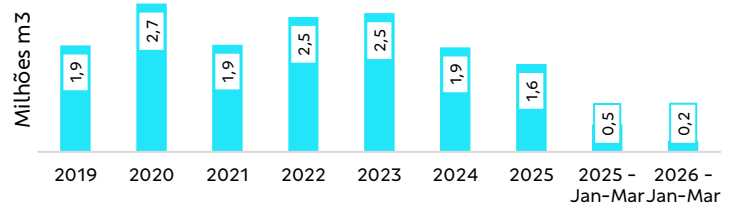
Produção Cafeeira (Arábica + Conilon)



(*) Projeção.

Fonte: Conab - 1º levantamento da safra 2026/27 - Fevereiro/2026
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Exportações de Etanol



Fonte: Ministério da Agricultura e Pecuária; MDIC/SECEX
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Desempenho no Campo

Café – Safra 2026/27	Arábica	Conilon
Produção (mil ton.)	23,3%	6,4%
Produtividade (kg/ha)	18,4%	2,3%
Área em produção (ha)	4,1%	4,0%

Fonte: Conab - 1º levantamento da safra 2026/27 - Fevereiro/2026
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

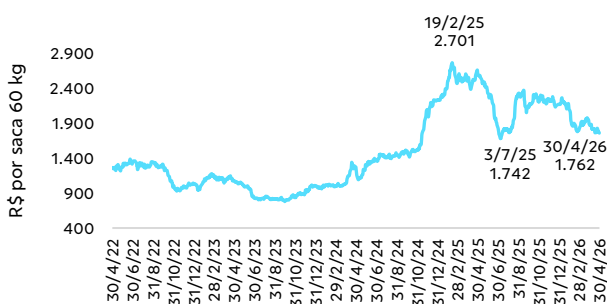
Destaque fica por conta da especialidade arábica que, além de um incremento de 4,1% na área plantada, motivado pela maior atratividade dos preços, deve registrar ganhos expressivos de produtividade. Esse desempenho decorre da bionalidade positiva no ciclo 2026/27, combinada a condições climáticas e favoráveis, tanto do ponto de vista pluviométrico quanto térmico, o que sustenta a expectativa de expansão de 23,3% na produção dessa variedade. Cabe ressaltar que o café arábica responde por cerca de 80% da área efetivamente em produção no país, o que amplia de forma significativa seu peso sobre o resultado agregado da safra.

Na indústria, por sua vez, em que pese o forte hábito de consumo e a baixa elasticidade da demanda, a forte valorização no preço do grão adicionou desafios em termos de custos e tirou força do consumo, cujas expectativas são de crescimento moderado ou estabilidade em 2026, após cair 2,3% em 2025. A redução está associada aos preços elevados no varejo, que impactam diretamente o comportamento do consumidor, segundo a Associação Brasileira da Indústria de Café (Abic). Ainda assim, conforme informações de consultoria de mercado, parte da desaceleração dos preços observada no campo começou, gradualmente, a ser transmitida ao consumidor final. Os preços do café moído vêm registrando recuo contínuo, acumulando queda de 3,6% ao longo de 2026 até o momento. Ainda assim, esse movimento de ajuste permanece insuficiente para reverter a expressiva valorização registrada nos últimos anos, de modo que os preços ao consumidor seguem em patamar historicamente elevado, limitando uma recuperação mais rápida do consumo.

Cotações do Café – Após a forte valorização de preços observada nas especialidades arábica e conilon, as cotações iniciaram trajetória de correção que predominou no primeiro semestre de 2025. Em agosto, no entanto, houve movimento de recuperação das cotações até o início de outubro, em meio à revisão baixista na expectativa de produção do arábica no Brasil (maior produtor mundial) e chuvas em excesso em regiões produtoras do país, além das incertezas decorrentes da política tarifária nos EUA com diminuição nas compras estadunidenses e acompanhamento dos níveis de estoques do café no país americano, que inclusive trouxeram certa volatilidade adicional às cotações em alguns momentos.

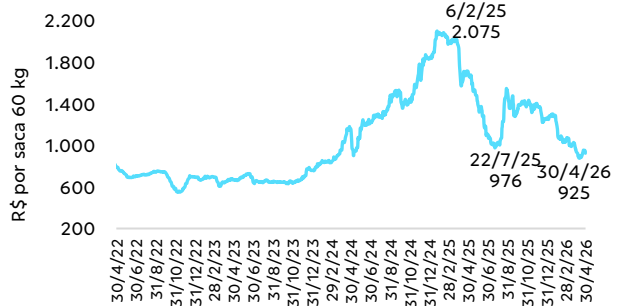
Em 2026, com a retirada da sobretaxa imposta pelos Estados Unidos em novembro de 2025, os preços do café passaram a refletir, de forma mais clara, as expectativas de melhor desempenho da safra brasileira 2026/27, com destaque para a modalidade robusta, diante da aproximação da colheita nos principais países produtores. Esse cenário de maior disponibilidade potencial, associado à possível melhora do fluxo comercial externo, tende a manter viés de ajuste nas cotações ao longo do ano, ainda que movimentos mais intensos devam depender da confirmação dos volumes colhidos, da absorção pelo consumo e da evolução dos estoques globais.

Indicador Café Arábica – Cepea/Esalq



Fonte: Cepea/Esalq/USP
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Indicador Café Robusta – Cepea/Esalq



Fonte: Cepea/Esalq/USP
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Exportações – Após o Brasil exportar 46,3 milhões de sacas de 60 kg de café verde em 2024, incremento de aproximadamente 30%, em 2025 houve recuo de 3,4% em volume, sendo que para os EUA – principal destino e que impôs política tarifária com maior alíquota sobre importações oriundas do Brasil – a queda foi de 35% no acumulado do ano e de aproximadamente 40% entre agosto e outubro, que foi o período de vigência do tarifaço ao Brasil. Além da questão tarifária com os EUA, a recuperação em importantes países produtores e a menor produção brasileira no último ciclo também contribuíram para explicar a piora no desempenho. Entretanto, vale destacar que, ainda assim, as exportações em dólar cresceram 31,1% diante da forte valorização do preço do grão.

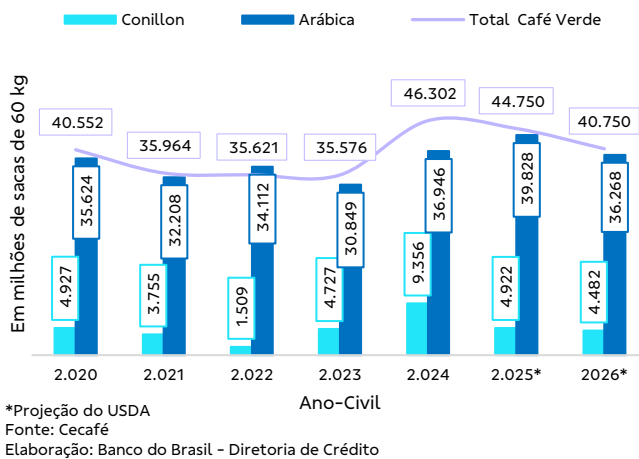
Embora as exportações sigam majoritariamente concentradas no café in natura (grão verde), observa-se a continuidade da diversificação da pauta externa, com ampliação gradual da participação do café industrializado, especialmente nos mercados do Sudeste Asiático e da Rússia, em linha com estratégias de agregação de valor, ainda que persistam limitações estruturais à expansão mais acelerada desse segmento.

As exportações do café torrado e solúvel apresentaram dinâmica semelhante a do café verde no ano passado, embora em menor magnitude, com queda de 6,3% em volume e crescimento de 21,6% em receita, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC).

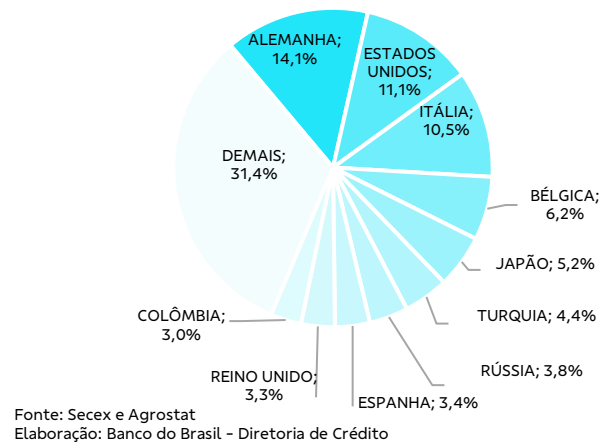
Prospectivamente, as projeções do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) indicam queda de 8,9% nas exportações brasileiras de café em 2026, especialmente em volume, em razão de um ambiente internacional adverso. Por outro lado, consultorias de mercado esperam avanço nas exportações brasileiras à frente diante da maior produção no ciclo 2026/27, abertura de novos mercados e retirada da sobretaxa pelos EUA, o que melhora a competitividade do café brasileiro.

O agravamento do conflito no Oriente Médio tem contribuído para o aumento da volatilidade nos mercados internacionais de commodities, com reflexos sobre as rotas logísticas, elevação dos custos de transporte e seguros e maior cautela por parte dos importadores, além de estimular movimentos especulativos. Soma-se a esse contexto a recuperação da produção de café em países concorrentes, fator que amplia a oferta global e tende a limitar o potencial de expansão dos embarques brasileiros no curto prazo.

Exportações de Café Arábica e Conilon



Exportações de Café Verde por Destino Acumulado - Jan-Mar/2026



Por fim, merece atenção crescente o conjunto de desafios regulatórios e de sustentabilidade associados ao acesso a mercados mais exigentes, em especial o da União Europeia. Destacam-se as exigências ampliadas de rastreabilidade e de comprovação de cadeias produtivas livres de desmatamento, em consonância com o Regulamento Europeu sobre Produtos Associados ao Desmatamento, bem como o fortalecimento das demandas por redução das emissões de gases de efeito estufa e maior transparência ambiental ao longo da cadeia agroindustrial. Embora tais requisitos impliquem elevação dos custos de conformidade no curto prazo, seus impactos tendem a ser parcialmente mitigados no médio e longo prazos, à medida que avancem os processos domésticos de adequação produtiva, institucional e regulatória.

Nesse contexto, os avanços recentes nas negociações e nos entendimentos políticos em torno do Acordo de Associação entre o Mercosul e a União Europeia reforçam as perspectivas de aprofundamento do acesso preferencial ao bloco, de ampliação da cooperação técnica e de criação de incentivos adicionais à convergência regulatória e à internalização de padrões ambientais e sanitários mais elevados.

Destaques – Proteínas Animais

Bovinos

Segundo a Conab, o país encerrou o ano de 2025 com produção de 11,9 milhões de toneladas de carne bovina, incremento de 7,4% em relação ao volume registrado em 2024.

Para 2026, projeções iniciais apontam para retração de 5,3% associada ao início da virada do ciclo pecuário, que deve levar a uma maior retenção de fêmeas para reprodução, o que diminui o ritmo de abates e, consequentemente, a oferta e produção de carne. Apesar da queda na produção, a elevada competitividade e atratividade da proteína no exterior segue estimulando os abates e a produção de carnes.

No mais, os fortes hábitos de consumo com ingestão crescente de proteínas e a melhor dinâmica no mercado de trabalho e renda têm beneficiado o consumo e a produção no mercado interno.

Preços e Custos – Em um contexto de virada do ciclo pecuário, com retenção de matrizes, escalas de abates mais curtas e expectativa de menor oferta de animal, aliado à forte demanda internacional diante de menores rebanhos em outros países produtores, os preços do boi gordo no mercado doméstico tem apresentado valorização importante, destacando trajetória de alta mais acentuada a partir de meados de julho de 2025.

No mais, as condições climáticas não estressadas têm permitido aos produtores reterem os animais no pasto por mais tempo, reforçando a escassez imediata de boi pronto para abate, enquanto expectativas altistas já precificadas no mercado futuro estimulam a postergação de vendas.

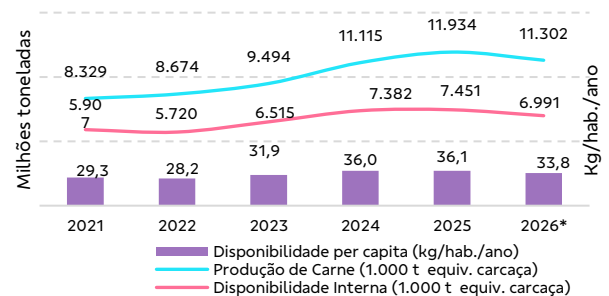
Prospectivamente, o cenário segue indicando preços valorizados com a dinâmica de menor oferta. Contudo, a implementação de cotas de importação pela China e contando que a cota brasileira deva se encerrar ainda no primeiro semestre, algum arrefecimento nas exportações brasileiras no segundo semestre é esperado, podendo ampliar a disponibilidade interna e, potencialmente, exercer alguma correção nas cotações.

Em relação aos custos, para os frigoríficos, a valorização da arroba do boi gordo elevou de forma relevante os custos de aquisição da matéria-prima, pressionando as margens. Os impactos têm sido mais intensos para as empresas de menor porte, que enfrentam maior dificuldade para alongar as escalas de abate e, consequentemente, precisam ofertar preços mais competitivos aos pecuaristas para garantir o abastecimento.

Em contrapartida, o bom desempenho das exportações tem atenuado parte dessas pressões, sobretudo para as indústrias habilitadas ao mercado externo, que conseguem compensar parcialmente o encarecimento da boiada por meio de preços internacionais mais atrativos e de uma demanda consistente. Assim, ressalta-se a maior competitividade e crescente concentração de mercado nos grandes frigoríficos exportadores frente aos atuantes exclusivamente no mercado interno, ainda que o mercado exportador de carne bovina em 2026 tenha enfrentado maiores custos logísticos em razão da guerra no Oriente Médio.

Por fim, a atividade de confinamento de bovinos tem sido caracterizada por um cenário de margens operacionais positivas, sustentado pela combinação de custos de nutrição mais controlados atualmente com preços firmes da arroba do boi gordo, embora a aquisição de animais de reposição seja fator de pressão para a lucratividade.

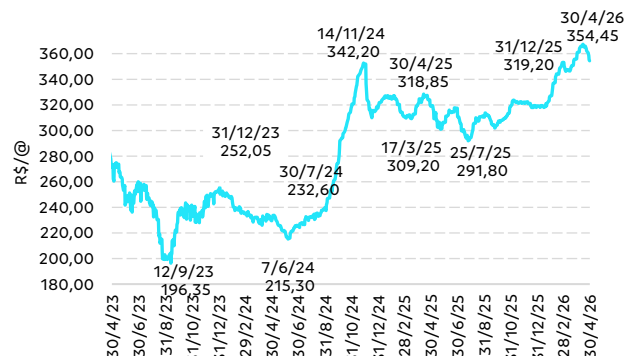
Oferta de Carne e Disponibilidade



Fonte: Conab.* Projeção.

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Preço do Boi Gordo à Vista – Cepea/B3



Fonte: Cepea; @ = (arroba de 15 kg).

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Mercado Externo – As vendas externas de carne bovina brasileira apresentaram forte desempenho em 2025, mesmo em um ambiente marcado por desafios geopolíticos e tarifários, consolidando o Brasil como maior exportador mundial da proteína, com embarques de 3,45 milhões de toneladas e receita recorde de US\$ 17,9 bilhões, alta de 39,8% na comparação anual.

A dinâmica do mercado tem se mostrado extremamente favorável no exterior, diante de um contexto de baixa nos rebanhos dos principais países produtores e com o Brasil destacando-se pela elevada capacidade de produção, segurança em condições sanitárias, menores custos de produção e alta qualidade da proteína – inclusive com ampla aceitação pelos países mais exigentes, além da taxa de câmbio que, embora tenha mostrado certa valorização recente, ainda encontra-se em patamar depreciado.

No primeiro trimestre de 2026, houve expansão de 19,7% nas exportações de carne bovina em volume e de 37,3% em valor, comparativamente ao mesmo período de 2025. Os principais destaques ficaram com a China, que somente em março mostrou avanço de mais de 40%, e EUA. No caso da China, movimento de antecipação de compras para garantir aquisições dentro das condições das cotas estipuladas é o principal fator de explicação para o ritmo de compras recente, enquanto os EUA segue com rebanho em menor nível e dependente de importação.

No Oriente Médio, que responde por cerca de 7% das exportações brasileiras, somente no mês de março – período já de vigência do conflito iniciado no final de fevereiro –, houve retração de 0,4% nos volumes exportados. Segundo informações de consultorias de mercado, inicialmente o Brasil tem conseguido demonstrar certa resiliência e alguma capacidade de entrega na região do conflito, mediante alteração de rotas, ainda que com custos mais pressionados, especialmente com fretes e seguros marítimos e necessidades de uso de rotas mais longas. Para a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec), dependendo da duração dos conflitos, 30% a 40% das vendas externas podem ser afetadas pelos entraves logísticos, inclusive porque portos da região funcionam como *hubs* estratégicos de escala para navios que vão para destinos relevantes da Ásia.

Para o final de 2026, as projeções de redução de 3,3% nas exportações brasileiras sinalizam que, apesar do forte ritmo de exportações no primeiro semestre, a queda nos abates e, principalmente, a salvaguarda imposta pela China devem afetar as remessas brasileiras no ano. Vale destacar que as exportações brasileiras de carne bovina para a China representaram quase metade das remessas brasileiras em 2025 e a expectativa é que no final do primeiro semestre de 2026 esgote a cota estipulada para compras de carne brasileira pela China.

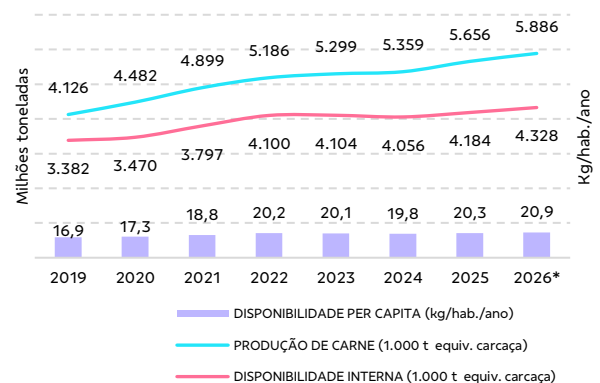
Suíños

Em linha com o ritmo forte de abates e atratividade da demanda interna e externa, houve forte incremento de 5,5% na produção em 2025, totalizando 5,6 milhões de toneladas, com a indústria projetando manutenção da atratividade nos próximos anos, especialmente no mercado externo.

O desempenho tem sido sustentado pela combinação de demanda interna aquecida, mercado externo firme, diversificação e abertura de novos destinos comerciais, além da rentabilidade atrativa observada em 2025. No mercado interno, o consumo de carne suína segue beneficiado pelo avanço nos indicadores de emprego e melhora da renda real, além da manutenção de preços relativamente elevados da carne bovina, o que continua favorecendo a substituição por proteínas mais acessíveis, como aves e suínos.

Segundo a Conab, a produção de carne suína deve registrar um crescimento de 4,1% em 2026, enquanto a disponibilidade interna deve avançar 3,5%. Nesse quadro, segundo o USDA, o Brasil segue como o 4º maior produtor mundial de proteína suína (4% da produção global), ficando atrás apenas da China, União Europeia e EUA.

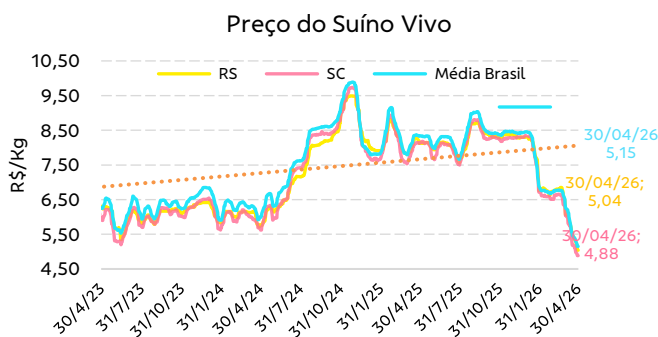
Oferta de Carne e Disponibilidade



Preços e Custos – No 1º quadrimestre de 2026, a queda dos preços da carne suína refletiu a combinação de oferta interna elevada com um consumo sazonalmente mais fraco, reforçada pela menor demanda da indústria e pela concorrência da carne de frango, enquanto incertezas geopolíticas aumentaram a volatilidade e pressionaram as margens dos produtores. De maneira geral as quedas mais acentuadas têm ocorrido no atacado, com repasse ainda lento no varejo.

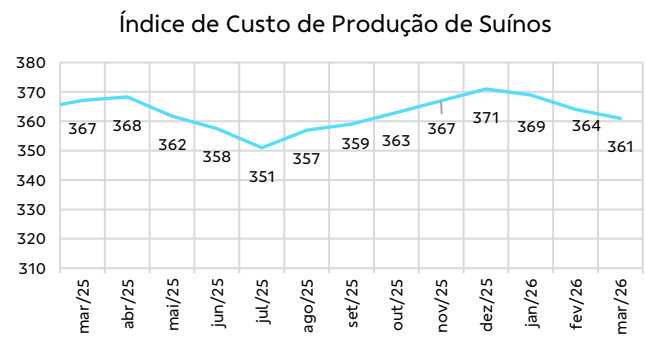
A frente, o preço da carne suína deve seguir pressionado ao longo do 2º semestre, em função da oferta ainda elevada após a produção recorde de 2025, mesmo que a demanda interna siga favorecida comparativamente às demais proteínas.

Por outro lado, a valorização da carne bovina, associada à reversão do ciclo pecuário, beneficia a substituição do consumo em direção à carne suína, mais acessível às camadas de menor renda, o que contribui para mitigar a queda nas cotações.



Fonte: Cepea

Elaboração: Banco de Brasil - Diretoria de Crédito



Fonte: Embrapa

Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Em relação aos custos para o produtor, o índice de custos da Embrapa mostrou queda de 1,7% no comparativo de março de 2026 com igual mês do ano anterior. Vale ressaltar que a ração corresponde a 71,9% dos custos de produção do segmento criador, seguido do custo do capital (7,3%), enquanto transportes 4,1% e genética e sanidade, juntas, somam 5,2%.

O cenário segue apontando para continuidade de margens mais pressionadas para produtores independentes, enquanto integradores e frigoríficos atuantes mercado externo tendem a sustentar melhor rentabilidade, embora somam-se riscos associados aos desdobramentos do conflito no Oriente Médio.

Mercado Externo – As exportações de carne suína brasileira apresentaram forte desempenho em 2025, mesmo em um ambiente marcado por desafios geopolíticos e tarifários, consolidando o Brasil como 3º maior exportador mundial da proteína, com embarques de 1,471 milhões de toneladas e receita recorde de US\$ 3,6 bilhões.

O mercado externo da carne suína permanece favorável, mesmo com a recuperação do plantel chinês, apoiado na competitividade do Brasil em termos de capacidade produtiva, solidez sanitária, custos e qualidade da proteína. Além disso, a diversificação dos destinos ao longo de 2025, com maior participação de países asiáticos e latino-americanos, reduziu a concentração do mercado chinês e ampliou a base de consumidores, enquanto o câmbio depreciado também beneficiou.

Em meio a menor representatividade nas vendas para a China, o Brasil vem trabalhando na ampliação das parcerias internacionais desde 2024, negociando a abertura de novos mercados e a expansão dos existentes, com destaques para Filipinas, Japão, Chile, Hong Kong, Rússia e México, tendo encerrado o mês de março de 2026 com registro de recorde histórico de exportação de carne suína para o período.

No mais, a competitividade brasileira também vem sendo favorecida pela redução da participação da União Europeia, que enfrenta desafios internos significativos. Entre os obstáculos enfrentados na Europa, destacam-se normas cada vez mais restritivas de bem-estar animal, elevados custos de produção e problemas sanitários, como a febre suína africana em alguns países do bloco.

Por outro lado, alguns elementos tem tornado o ambiente internacional mais adverso. O conflito entre Rússia e Ucrânia, a decisão do governo mexicano de instituir cota de importação de 51 mil toneladas de carne suína e, mais recentemente, o agravamento das tensões no Oriente Médio são fatores que exigem maior atenção dos exportadores, pois afetam tanto a demanda internacional quanto os custos de transporte e distribuição. O conflito no Oriente Médio já provoca interrupções de rotas marítimas, aumento no preço de energia e elevação dos custos logísticos, ampliando a incerteza no comércio internacional de proteínas.

Para 2026, consultorias mercado projetam crescimento da ordem 6,0% nas exportações brasileiras, indicando robusta expansão mesmo após o expressivo crescimento de 2025. O avanço será sustentado pela demanda firme da Ásia, especialmente das Filipinas, abertura de novos mercados e competitividade do Brasil frente à União Europeia

Frango

Segundo projeção da Conab para 2026, a produção de frangos continuará estimulada e em crescimento, com a melhor relação custo-benefício da carne de frango, em comparação às demais proteínas.

Por outro lado, o ritmo de crescimento pode ser limitado por ajustes pontuais em importantes mercados, especialmente no Oriente Médio que concentra 35% das exportações brasileiras. Assim, empresas do setor adotam postura mais cautelosa na expansão da produção, buscando equilibrar oferta e demanda e preservar margens, após ciclos anteriores de crescimento mais intenso.

Conforme o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), o Brasil deve manter-se em 2026 entre os três maiores produtores mundiais de carne de frango, com participação estimada em 14% da produção global, atrás apenas dos Estados Unidos, que lideram com cerca de 20%, e da China, com 15,6%.

Custos e Preços – No primeiro trimestre de 2026, apesar do bom desempenho das exportações, os preços da carne de frango no mercado interno brasileiro registraram trajetória de baixa, reflexo da oferta elevada (melhores expectativas após autodeclaração de livre de Influenza Aviária de Alta Patogenicidade (IAAP) levaram a forte alojamento de pintos entre setembro e dezembro de 2025), associada à produção recorde e de uma demanda interna mais fraca, típica do início do ano.

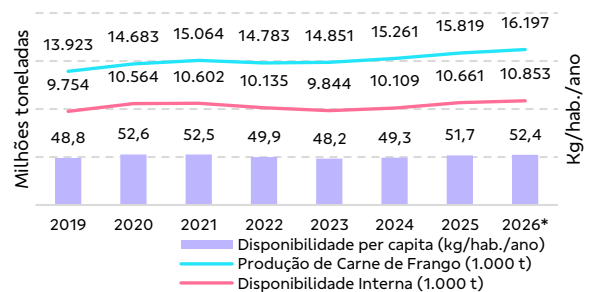
No atacado da Grande São Paulo, as cotações médias do frango inteiro, congelado e resfriado, giraram em torno de R\$ 7,0/kg em março, acumulando queda próxima de 11% no trimestre. Em abril, com os efeitos de 2025 começando a perder força e a demanda mostrando impulso, observou-se leve e instável momento de correção.

No mais, o cenário para os preços ganha novos elementos de risco, especialmente associados a potenciais interrupções de embarques ao exterior, notadamente para regiões de conflito no Oriente Médio, que podem elevar a oferta interna e fragilizar preços.

Prospectivamente, o preço do frango em 2026 deve seguir pressionado no 1º semestre, com desequilíbrios ainda pendendo mais para o lado da oferta, o que deve seguir impedindo movimentos mais consistentes nas cotações. Para o 2º semestre, as expectativas são de recuperação gradual, apoiada pela sazonalidade e por ajustes na produção, embora sem um ciclo forte e consistente de alta.

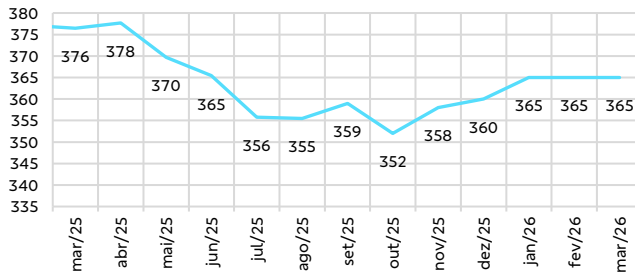
Por outro lado, a trajetória de custos tem oferecido algum alívio à rentabilidade do setor. O índice do custo de produção de frangos no Brasil apresentou redução de 2,9% nos últimos 12 meses encerrado em março. Embora os custos com genética, transporte e energia cresceram no período, com aumentos de 17,7%, 11,5% e 4,0%, respectivamente, sendo que da composição total dos custos de produção animal, os itens listados representaram cerca 23,0% do conjunto em março, os custos com ração animal, que representam cerca de 63,4% do custo total, retraíram 8,7% em 12 meses, favorecidos pelas cotações mais fracas do milho e do farelo de soja.

Oferta de Carne e Disponibilidade



Fonte: Conab. * Projeção
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

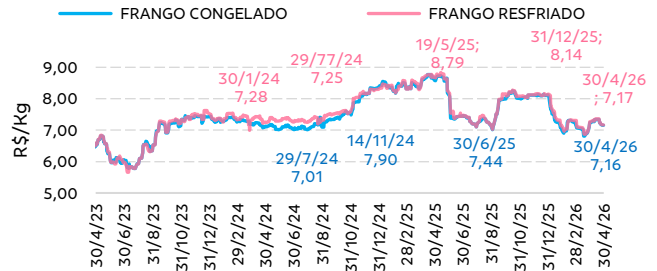
Índice de Custo de Produção de Frangos



Fonte: Embrapa

Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Preço do Frango Cepea / Esalq - SP



Fonte: Cepea

Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Mercado Externo – Segundo dados do Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio (MDIC), foram exportadas 5,161 mil de toneladas de carne de frango no ano de 2025, aumento marginal de 0,1% em relação ao mesmo período de 2024, com a receita acumulada do período atingindo US\$ 9,555 milhões, retração de 1,9% ante ao acumulado de 2024 (US\$ 9,742 milhões).

O resultado aquém do esperado das exportações em 2025 foi decorrente do foco de influenza aviária registrado em maio em uma granja comercial no Rio Grande do Sul. O episódio levou à suspensão temporária das compras por mais de 100 países, incluindo mercados estratégicos como China e União Europeia, sendo que a China, grande comprador e que mais estendeu a suspensão, anunciou o fim da proibição às importação sobre o frango do Brasil em novembro. Vale destacar que, no período de embargos, o setor ainda conseguiu redirecionar embarques para mercados alternativos, mostrando resiliência e mitigando perdas.

Para 2026, no consolidado do 1º trimestre, as exportações brasileiras de carne de frango apresentaram desempenho positivo, mantendo volumes elevados e crescimento tanto em quantidade, que somaram 1,419 milhões de toneladas (alta de 5,4%), quanto em receita, que avançou 7,3%, refletindo melhora no mix e nos preços médios, em que pese o acirramento do confito no Oriente Médio, região relevante para as exportações brasileiras, que respondem por cerca de 30% das remessas em termos de volume.

A escalada do conflito na região tem ampliado os riscos logísticos, ao restringir o trânsito em rotas tradicionais, elevando a insegurança operacional e aumentando os custos, sobretudo em função da necessidade de rotas alternativas e do encarecimento de fretes e seguros. Em março, primeiro mês de conflito, houve retração de 20,3% nas remessas ao Oriente Médio, embora houve compensação pela expansão das exportações para outros mercados já consolidados, resultando em crescimento de 6,9% nas vendas externas totais. Destacam-se os aumentos expressivos para Filipinas (+43,6%), Japão (+41,3%), União Europeia (+33,7%), África do Sul (+21,4%), Coreia do Sul (+18,4%) e China (+11,6%), sendo que, neste último caso, a retomada das compras confirma a normalização do comércio após a crise de Influenza Aviária de 2025. Não obstante, a elevada dependência do mercado *halal*, com exigências específicas de corte e certificação, torna a avicultura brasileira mais sensível a disrupções no Oriente Médio e limita, no curto prazo, a capacidade de redirecionamento imediato dos fluxos de exportação.

Vale destacar o impulso das compras chinesas no último trimestre, retomando o ritmo das importações praticadas antes do caso de influenza aviária, haja vista que o país asiático retardou a retomada das compras de aves brasileiras após o episódio sanitário no Rio Grande do Sul.

Por fim, atenção contínua é exigida à biossegurança, especialmente no monitoramento e controle de possíveis ocorrências de gripe aviária — fator essencial para manter os mercados externos abertos e assegurar o pleno aproveitamento das oportunidades ao longo do ano.

Destaques – Insumos Agrícolas

O setor de insumos agrícolas permanece como um dos pilares estratégicos do agronegócio brasileiro, essencial para a produtividade e a competitividade das cadeias agroindustriais. Contudo, o acirramento do conflito no Oriente Médio elevou de forma significativa os riscos para os segmentos que o compõem.

O setor de **fertilizantes** é o mais diretamente afetado, diante da maior volatilidade de preços, do aumento do risco logístico e da pressão sobre os custos, inclusive do gás natural, intensivamente utilizado no processo produtivo do insumo agrícola. Vale destacar que o Oriente Médio responde por cerca de 40% do comércio marítimo global de ureia, por 28% da amônia e 29% dos fosfatados. Somente no acumulado de março e abril, período sob efeito do conflito no Oriente Médio, houve forte valorização nos preços da ureia, 65%, do sulfato de amônia, 40%, e do MAP (fosfato monoamônico), 22%.

Assim, a dinâmica operacional das empresas de fertilizantes – notadamente nas revendas – tende a ser impactada pelo conflito em caso de persistência da guerra, com riscos da capacidade de venda ser reduzida, estoques se mantendo mais erráticos com produtores retardando compras, riscos de descasamentos de preços diante das flutuações e potencial maior inadimplência de clientes agricultores afetando o fluxo de caixa das empresas. Esse quadro soma-se ao contexto que já vinha marcado por preços de fertilizantes já valorizados e condições financeiras dos produtores rurais historicamente mais desafiadas reverberando, em alguma medida, na dinâmica operacional e financeiras das revendas.

Recentemente, a Índia, que possui uma indústria doméstica de ureia consolidada, abriu licitação para a compra de 2,5 milhões de toneladas do insumo, em meio a restrições de oferta de gás natural do Oriente Médio utilizado no processo produtivo, o que tende a pressionar ainda mais os preços internacionais do fertilizante.

Já no caso do mercado brasileiro de **defensivos agrícolas**, projeções de mercado para 2026 apontam para crescimento moderado, com o choque geopolítico no Oriente Médio também potencialmente se traduzindo em interrupções e encarecimento da oferta de matérias-primas petroquímicas, insumos essenciais para a produção de princípios ativos e intermediários químicos, provocando maiores custos industriais ao longo da cadeia.

Além disso, mas ainda sob influência de um fator externo relevante, a China, principal fornecedora de inseticidas e outros defensivos ao Brasil, anunciou o cancelamento dos reembolsos de impostos sobre a exportação de pesticidas técnicos, incluindo glufosinato, L glufosinato, acefato, malathion, profenofós, etefom, fosetil alumínio e triclofom. A medida, válida a partir de 1º de abril de 2026, deve elevar em cerca de 9% os preços FOB desses ingredientes ativos. A relevância desse movimento é ainda maior para o Brasil, que em 2025 importou da China 69,2% dos inseticidas, rodenticidas, fungicidas, reguladores de crescimento vegetal e desinfetantes, totalizando 722,6 mil toneladas. Adicionalmente, as disrupções logísticas e a maior seletividade na oferta internacional dificultam o planejamento de compras, ampliam a necessidade de capital de giro e reforçam um cenário de margens mais apertadas e maior cautela comercial com empresas do setor.

No mercado de **máquinas e implementos agrícolas**, após as vendas caírem 3,6% em 2025, o setor deve apresentar queda de 6,2% em 2026, atingindo 46,7 mil unidades comercializadas, segundo a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea). Os principais fatores que levam ao desempenho ruim são os juros elevados, que dificultam o acesso ao financiamento, e as margens de lucro mais apertadas do produtor em meio à alta nos custos e preços das commodities não valorizados.

Atenção também ao fato das importações baterem recorde em 2025, um aumento de 9,4%, segundo a Anfavea, com Índia e China sendo as principais origens das máquinas importadas. Dessa forma, cresce a preocupação também com a maior penetração das máquinas importadas oriundas da Ásia, que vem apresentando diferencial competitivo em custos e ganhando espaço no mercado interno, além de ameaçar as vendas da indústria brasileira em mercados externos, que se colocavam como alternativas às restrições do consumidor local (o 1º trimestre de 2026 fechou com queda de 17% nas vendas internas). No mais, o conflito tem ampliado os custos industriais, tanto pelo encarecimento do transporte quanto pelo aumento do risco de disrupções nas cadeias globais de suprimento, o que tende a retardar o processo de recuperação do setor. Esse movimento é particularmente sensível nas revendas e no segmento de implementos agrícolas, mais expostos às oscilações de mercado.



BB ASSET MANAGEMENT

**Busque mais para
os seus investimentos**

www.bbasset.com.br

[Linkedin.com/showcase/bbasset](https://www.linkedin.com/showcase/bbasset)